Capítulo XVII — O paganismo e as ciências

> **Sumário.** Influência do paganismo clássico sobre as ciências.

Incertezas, trevas, materialismo, erros monstruosos, caos intelectual: eis o que a filosofia moderna ganhou fazendo-se discípula do paganismo, apesar da proibição tão positiva dos Padres da Igreja e da reserva tão eloquente dos séculos de fé. Ora, a filosofia é por excelência o cultivo da ideia, e a ideia governa o mundo. A filosofia exerce, pois, uma influência inevitável sobre a ciência em geral, sobre as artes, sobre a literatura, sobre todas as manifestações do pensamento. Ao tornar-se pagã, deve ter imprimido a todas essas coisas os seus diferentes caracteres. Fatos constantes, universais, tornam palpável a verdade dessa indução, incontestável *a priori*. Comecemos pela história.

O primeiro caráter da filosofia moderna, filha da filosofia pagã, é a incerteza. Os inumeráveis sistemas que gerou, que gera ainda cada dia, são a prova. Esse caráter comunicou-o à história. A história é a ciência dos fatos, das suas causas, das suas relações, do seu fim particular e da sua tendência a um fim geral e supremo. Ora, os fatos da história devem-se a uma dupla causa: a ação de Deus e a liberdade do homem, como se coordenam a um duplo fim: a glória de Deus e a salvação do homem.

Daí na história um duplo elemento: o elemento divino e o elemento humano. O conhecimento desse duplo elemento e da sua ação combinada nos fatos que enchem os anais do mundo é a filosofia ou o olho da história. É evidente que toda essa filosofia depende da ideia que serve de ponto de partida. Arte monótona de registrar datas e nomes próprios, eis a história se essa ideia não existe; mentira, devaneio, se essa ideia é falsa; estudo arrebatador, fonte dos mais preciosos ensinamentos, se essa ideia é verdadeira.

Mas essa ideia reveladora, quem pode comunicá-la ao homem? Nenhum outro senão aquele que pode revelar a humanidade a si mesma, a sua origem, os seus deveres, os seus destinos. É dizer bastante que só a Deus e à religião cabe dar-nos a verdadeira filosofia da história. Ora, ao tornar-se pagã, a história deixou de procurar a sua bússola na religião: teria corado, como a própria filosofia, de pedir luzes àquela que não se cessava de representar como a mãe da ignorância e a rainha da barbárie. Que digo! não somente a história deixou bruscamente a escola da fé, mas ainda se tirou a possibilidade de voltar a ela, declamando em todos os tons e a todo propósito contra a Igreja. É a tal ponto, conforme a justa observação do conde de Maistre, que desde a Renascença a história é uma conspiração permanente contra a verdade.

Desde então, não há mais filosofia da história; cada historiador arrogou-se o direito de escrever sob a inspiração das suas opiniões, dos seus preconceitos, das suas antipatias ou simpatias pessoais. Daí essa confusão verdadeiramente filosófica na apreciação dos fatos mais vulgares; daí essas reabilitações escandalosas dos maiores criminosos; daí, enfim, essas condenações ainda mais escandalosas dos maiores homens e das mais belas ações. Despojada da sua majestade, a história foi com demasiada frequência apenas um quadro para pôr em relevo um sistema preconcebido ou uma tese em favor de um interesse de seita e de partido. Na simples exposição dos fatos, mostra-se o fiel eco do paganismo. Fala-nos seriamente do estado de natureza; conta-nos que houve um tempo em que os homens viviam esparsos nas florestas, em que se nutriam de bolotas, em que não tinham outra língua senão um pequeno número de sinais para indicar as primeiras necessidades da vida material. A bela ideia que isso nos dá da dignidade humana e da bondade de Deus! O excelente meio de confirmar a fé na verdade do relato mosaico, base mesma da história!

Não basta destruir; sobre esses dados absurdos fundam-se sistemas soberanamente hostis à religião e à ordem social. Sustenta-se, por exemplo, que Deus não se revelou ao homem; que a religião e a sociedade são obra do homem e do tempo. Não somente essa filosofia da história copia o paganismo, mas, filha bem-nascida, toma a defesa do seu pai. Pretende que os cristãos caluniaram Nero, Décio, Diocleciano e os outros perseguidores; acusa as vítimas dos crimes dos algozes; lança à conta do cristianismo, que chama fanatismo, grande parte dos excessos de que teve de sofrer; acusa os sumos pontífices, os mesmos que salvaram a Europa da barbárie, de ambição e de crueldade. Em muitos pontos, a Igreja não merece nem a confiança, nem o respeito, nem o reconhecimento das nações: tal é a conclusão desse ensino filosófico da história.

Ao caráter de incerteza e de pirronismo universal junta-se o materialismo. Essas magníficas visões do gênio católico que se encontram nos Padres da Igreja, notadamente em santo Agostinho, essas vistas de conjunto que, encadeando os acontecimentos uns aos outros, explicam toda uma época, desapareceram da história com o espírito que as inspirou. Desde a Renascença, ninguém, exceto Bossuet, se elevou ou soube manter-se nas causas superiores dos acontecimentos, nesse moderador supremo que tem nas mãos as rédeas de todos os impérios, que os eleva ou rebaixa a seu talante e que conduz o mundo enquanto o homem se agita. Tito Lívio, Salústio, Tácito, Xenofonte, Heródoto tornaram-se, tanto quanto ao espírito como à letra, modelos obrigatórios. Daí o mutismo absoluto sobre a ação da Providência nos acontecimentos deste mundo.

Sistematicamente afastado o elemento divino, a história reapareceu sob a pena dos autores cristãos o que foi sob a pena dos pagãos, uma letra morta. Os anais do gênero humano, abertos a todos os olhos, deixaram de dar ao homem o conhecimento de Deus e de si mesmo, a inteligência da sua missão e da sua condição na terra. Quais foram os resultados desse retorno ao paganismo? Para a história, a degradação; para o homem, o materialismo e o fatalismo.

As outras ciências não foram mais felizes. Hostilidade contra a religião e materialismo: tais são os caracteres que revestiram, as vantagens que adquiriram ao tornar-se pagãs. Seria supérfluo verificar por longos pormenores esse fato evidente: contentemo-nos com algumas observações gerais.

Primeiro, quem de nós não ouviu o ruído dos sarcasmos lançados há três séculos contra a religião e a Idade Média por todas as bocas doutas da Europa? Esses sarcasmos, entremeados de sofismas, não formam, na *Enciclopédia* e na maior parte das obras modernas, como uma imensa montanha erguida contra o céu pelos modernos Titãs? Ainda hoje não é do alto dessa montanha que falam o maior número dos sábios e dos mestres da juventude? Não é dali que desce incessantemente esse ódio cordial dos letrados contra o catolicismo, ou o desprezo mais insultante que o ódio? Não é dali que vem a opinião ainda tão acreditada de que a fé só pode achar-se nos espíritos na razão inversa das luzes; a pretensão soberba de nunca pedir à religião a solução de nenhum problema; a afetação sustentada de nunca pronunciar o seu nome na exposição das teorias científicas?

Que ganhou a ciência com essa hostilidade pagã? Privado da fé, que só pode revelar-lhe os segredos do mundo moral, o espírito humano achou-se inábil para todas as ciências de ordem superior: para a ciência das suas relações com Deus; para a ciência das suas relações com os seus semelhantes, tanto na ordem civil como na ordem doméstica. Quem não coraria vendo a ignorância funesta em que a Europa caiu a respeito de todos os conhecimentos verdadeiramente dignos do homem? Que solução seriamente aceitável soube dar, há três séculos, a todos os grandes problemas de que dependem a paz das nações e o progresso sólido do gênero humano? Não é lástima ver as questões mais simples de religião, de liberdade religiosa, civil, doméstica, de patriotismo cristão, elementares nos séculos de fé, ultrapassarem as nossas sumidades intelectuais e pôr em xeque as capacidades dos nossos modernos Licurgos?

O descrédito das ciências mais nobres e mais necessárias é o primeiro fruto do paganismo clássico. A profanação dessas mesmas ciências é um segundo. Outrora era tal o poder do espírito cristão que espiritualizava de algum modo as ciências materiais fazendo-as reverter em proveito da religião. Vimo-lo ao falar das célebres escolas da Inglaterra e da Irlanda; vemo-lo ainda na ordem hierárquica indicada por são Tomás e geralmente seguida na Europa antes da Renascença. Hoje é tal o poder do espírito pagão que faz servir até as ciências morais ao fortalecimento do materialismo e à propagação do seu reino.

Por exemplo, que há de mais moral na sua essência e no seu fim do que a ciência de governar as nações? Pois bem! olhai o que se passa na Europa há três séculos. A legislação não despojou o seu caráter religioso? A ciência do direito não cessou inteiramente de apoiar as suas bases sobre o direito primordial, a vontade suprema de Deus, manifestada na Escritura e nas decisões da Igreja? Que relação há entre as cartas constitucionais modernas e os capitulares dos nossos antigos reis ou as constituições dos imperadores cristãos? A política não está reduzida à arte de materializar os povos? Não a ouvis, de comum acordo com a sua moderna companheira, a ciência econômica, proclamar que um povo nada tem a desejar desde que possa dormir tranquilo, que tenha pão para comer, vinho para beber, uma cama para repousar, teatros para divertir-se, estradas de ferro para transportar-se, máquinas para vestir-se barato e gás para iluminar-se?

Não é a proporcionar-lhe essas vantagens que tendem exclusivamente os seus esforços e os seus cálculos? Se ensina a moral às populações, não é ainda no interesse da ordem material e da tranquilidade dos seus gozos? Pode aplaudir-se dos seus êxitos: sob a influência dessa política toda pagã, os povos cristãos chegaram a crer que, com efeito, o homem só vive de pão; que toda ciência que não se traduz em gozos materiais é uma quimera; que todo ensino que não rende honra e proveito é uma decepção; que a felicidade está toda aqui embaixo. E já não sabem pedir

senão isso, trabalhar senão por isso, bater-se senão por isso!

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:36 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:36 by Admin